

Erico Verissimo e as vozes da história em *O senhor embaixador*

José Ricardo da Costa
UFRGS

Resumo

Além de sua atuação na literatura brasileira, Erico Verissimo destacou-se por sua participação política, no âmbito das relações internacionais. Em *O Senhor Embaixador*, o autor reflete sobre sua experiência, mimetizando diversas situações da política internacional e seus embates, a partir das relações internacionais tecidas pela fictícia República de Sacramento, em especial com os Estados Unidos da América, na pessoa do protagonista, o embaixador Heliodoro. Neste trabalho, iremos analisar as múltiplas representações possibilitadas pela obra de Erico Verissimo, relacionando-as com estudos sobre relações internacionais e identidade nacional, a partir de estudos como os de Robert H. Jackson e George Sørensen (2007) e Montserrat Guibernau (2007).

Palavras-chave: Erico Verissimo; Relações Internacionais; Identidade Nacional.

Abstract

In addition to his work in the Brazilian literature, Erico Verissimo had an important participation in the Foreign Relations. In *O Senhor Embaixador*, the author mimics several situations of international policy and its clashes, from the International relations woven the fictional “República of Sacramento”, particularly with the United States, in the person of the protagonist, Ambassador Heliodoro . In this work, we will examine how multiple representations made possible through the work of Erico Verissimo, relating with Studies on International Relations and National Identity, from studies as Robert H. Jackson and George Sørensen (2007) and Montserrat Guibernau (2007).

Keywords: Erico Verissimo; International Relations; National Identity.

*A história lucaria muito se,
de vez em quando,
usasse a técnica da novela.*

Erico Verissimo

1. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*, 1990, p. 17.

2. Ibidem, p. 17.

3. ARIÈS, Philippe. *O tempo da História*, 2013, p. 294.

Chartier nos lembra que “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de um grupo que as forjam”¹. Se faz necessária, portanto, uma reflexão sobre a relação que se estabelece entre os discursos proferidos e a posição de quem os utiliza. Para o autor, as “percepções do social não são, de forma alguma, discursos neutros”². Publicada originalmente em 1965, a obra *O senhor embaixador* de Erico Verissimo mostra a trajetória de Gabriel Heliodoro, representante em Washington da república imaginária “Sacramento”, ao passo em que descortinam várias camadas de representação da história desta nação surgidas a partir de diferentes percepções do social.

Em um primeiro momento, em “Vozes sobre o mundo”, estabeleceremos considerações sobre o diálogo que nasce entre o pensamento local e global na composição de uma identidade nacional, sob a luz do pensamento de Jackson e Sørensen a respeito do cenário das relações internacionais. Em seguida, iremos refletir sobre as múltiplas representações da história da nação ficcionalizada por Verissimo, relacionando estas representações e a posição dos sujeitos que as utilizam, partindo da visão de Guibernau sobre a Globalização, a Modernidade e a Identidade Nacional, em “Vozes sobre a ilha”. Finalmente, em “Vozes sobre o homem”, chegaremos às nossas considerações finais, momento em que trataremos da posição do próprio autor sobre o ato da ficção e falaremos sobre a maneira como um embaixador representa outro, em seu jogo de espelhos entre realidade e ficção.

O verdadeiro objeto da História reside na tomada de consciência do halo que particulariza um momento do tempo, como a maneira de um pintor caracteriza o conjunto de sua obra. O desconhecimento da natureza estética da História provocou junto aos historiadores um descoloramento completo do tempo que se propuseram evocar e explicar.³

Tendo transitado igualmente pelo mundo da política e da ficção, Verissimo nos brinda com sua visão estética e humana da História. Em diferentes momentos da obra, vemos o espírito de nacionalismo funcionando consciente ou inconscientemente como aglutinador de ideologias, discursos e ações na composição

da multiplicidade de versões da História que se estabelecem para a instável República de Sacramento no imaginário das personagens, na tentativa de compreensão dos fatos. Desta forma, estabelece-se uma visão da superfície da problemática social e política de Sacramento; como o próprio autor declara, na voz de uma de suas personagens mais lúcidas, o irônico e cético repórter norte-americano William B. Godkin.

Isso a que chamamos *fato* não será uma espécie de *iceberg*, quero dizer, uma coisa cuja parte visível corresponde apenas a um décimo de seu todo? Porque a parte invisível do fato está submersa nas águas dum torvo oceano de interesses políticos e econômicos, egoísmos e apetites nacionais e individuais, isso para não falar nos outros motivos e mistérios da natureza humana, mais profundos do que o mar.⁴

Neste trecho que trouxemos acima, forma-se o pacto narrativo que norteará os liames condutores do restante da obra. O autor nos propiciará, nas páginas seguintes, um complexo estudo sobre uma multiplicidade de interesses, egoísmos e apetites, dando luz a um complexo quadro sobre as relações que se estabelecem entre homens e nações. A cada momento, Veríssimo sobrepõe versões e pontos de vista sobre o passado e o presente de Sacramento; desta sucessão de matizes emergirá não apenas uma representação da nação fictícia, a Sacramento de Gabriel Heliodoro, como de uma realidade compartilhada por inúmeras nações da América, “republiquetas” frequentemente convertidas em títeres nas relações interamericanas.

Quando os indivíduos se sentem isolados e as ideologias desmoronam, a atração do nacionalismo mostra-se bem sucedida em aglutinar as pessoas. Oferece-lhes uma chance de proximidade que se origina na busca de um propósito comum. O nacionalismo é capaz de ser utilizado, no futuro previsível, para se resistir à homogeneização, superar crise política, desviar a atenção de outros assuntos cruciais, opor-se ao crescente poder de organizações internacionais e supranacionais, e dar significado às lutas econômicas, políticas e sociais (GUIBERNAU, 2007, p. 158).⁵

Ariès nos fala de uma história que, na primeira metade do século XIX, se tornou uma “máquina de combate”⁶. Para ele, dois fatos nunca se repetem exatamente iguais e esta diferença reside na maneira com que essas causalidades, mesmo quando muito próximas, se apresentam a nós. Em suma, “a diferença de uma época para outra se aproxima da diferença entre dois quadros ou duas sinfonias: ela é de natureza estética”⁷. Em *O Senhor Embaixador* chama atenção do leitor a forma curiosa com que o autor faz uso da repetição de fatos na história de Sacramento. Qual a motivação de Veríssimo nesta repetição?

4. VERÍSSIMO, Erico. *O Senhor Embaixador*, 1965, p.4.

5. GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: O estado nacional e o nacionalismo no século XX*, 2007, p. 158.

6. ARIÈS, Philippe. *O tempo da História*, 2013, p. 286.

7. Ibidem, p. 287.

E de que forma as identidades nacionais são forjadas nesta obra? Buscaremos, a seguir, refletir melhor sobre estes questionamentos.

Vozes sobre o mundo: Relações Internacionais

A metáfora insular é cada vez mais dúbia na realidade global. Nenhuma nação está realmente isolada no contexto internacional da modernidade. Ao falarem das relações internacionais, Jackson e Sørensen buscam uma motivação primordial para o surgimento dos Estados, na Era Moderna:

Há, no mínimo, cinco valores sociais básicos que os Estados supostamente devem defender: segurança, liberdade, ordem, justiça e bem-estar. Por serem tão fundamentais ao bem-estar humano, tais valores sociais precisam ser protegidos e garantidos. É claro que outras organizações sociais, além do Estado, podem assumir tal responsabilidade: como a família, o clã ou as organizações étnicas ou religiosas. Na Era Moderna, contudo, o Estado tem sido em geral a principal instituição a cumprir esta função e espera-se que o próprio garanta estes valores básicos.⁸

8. JACKSON, Robert H. e SØRENSEN, George. *Introdução às relações internacionais: teorias e abordagens*, 2007, p.380.

9. Ibidem, p. 22.

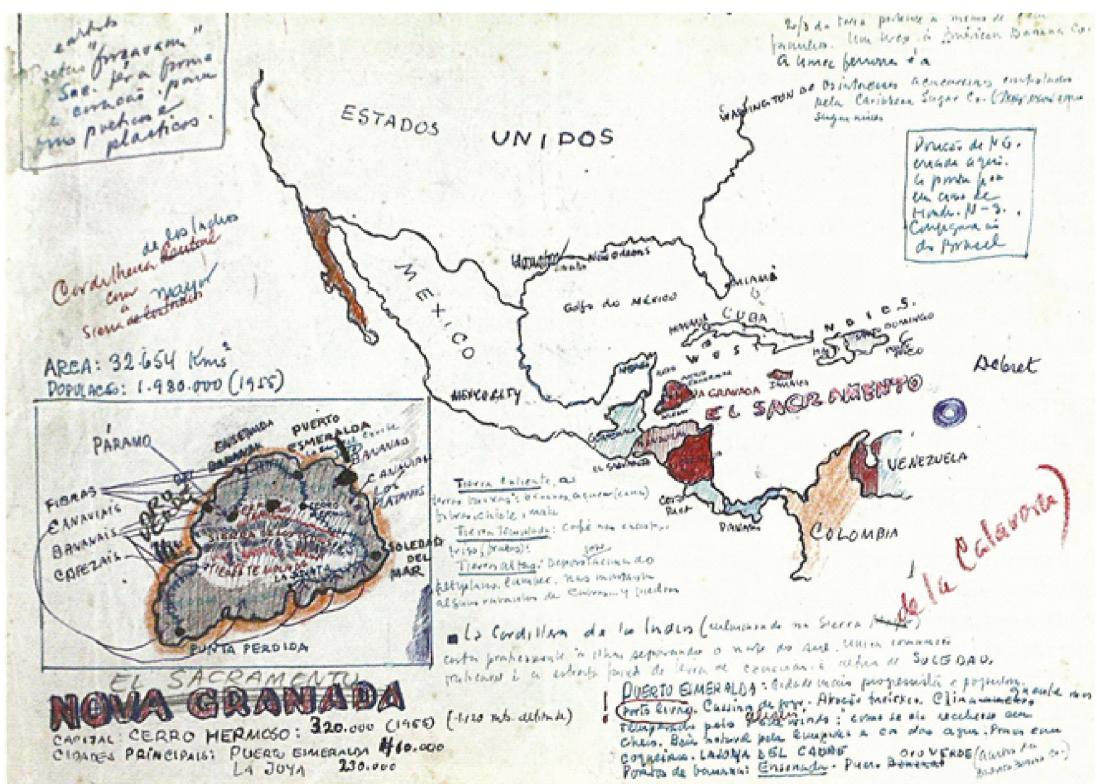
Os autores afirmam, porém, que a própria existência dos Estados independentes afeta o valor da segurança: “vivemos em um mundo de muitos países, quase todos minimamente armados. Dessa forma, os Estados tanto defendem como ameaçam a segurança das pessoas”. Surge assim o que tipificam como “dilema da segurança”⁹. Como qualquer outra organização humana, temos com o regime estatal, portanto, problemas e soluções. Um dos problemas é a dependência que surge entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Temos os países do chamado Terceiro Mundo (originalmente colônias européias, em sua maior parte), que, com o fim do processo colonial se mostram incapazes de se adequar ao padrão dos países ditos desenvolvidos (entre os quais estão seus antigos colonizadores). Sacramento serve de metáfora para diversos países da América Central e do Sul, que Jackson e Sørensen tipificam como “semi-Estados” dependentes do Primeiro Mundo.

Tais Estados possuem instituições políticas frágeis ou ineficazes, que podem exigir pouca ou nenhuma legitimidade por parte da população. Em geral, é comum a falta de unidade nacional e, quase sempre, a economia é pobre e subdesenvolvida. Como consequência, tais Estados fracos

não são capazes de se manter sozinhos no sistema internacional.¹⁰

10. Ibidem, p. 380.

Esta incapacidade de autonomia na manutenção de uma unidade nacional da qual falam os autores acima é claramente representada em diversas passagens da obra de Veríssimo e assume múltiplas perspectivas. Ao eleger a fictícia ilha de Sacramento como objeto de sua narrativa, na descrição das nuances das relações internacionais, a questão geopolítica é fundamental para Veríssimo. A posição geográfica de sua República de Sacramento é um dos elementos-chave para compreendermos a complexa teia de relações políticas nas quais Gabriel Heliodoro se vê envolvido. Olhemos por um momento o mapa traçado pelo próprio Veríssimo e reflitamos sobre as consequências da posição de Sacramento no mar das Antilhas, como vemos na figura 1.



**Fig. 1: Mapa de El Sacramento, traçado original do autor datado de 1964
(RILHO, Ana Helena Diniz Soares; SILVA, Márcia Ivana Lima;
UNGARETTI, Regina Leitão (org.). *Memorial Erico Verissimo*, 2014, p.53)**

Países de economia incipiente ou em formação, como a República de Sacramento de *O Senhor Embaixador*, têm no comércio exterior a possibilidade de escoamento de sua produção e, para estas “republiquetas”, a infra-estrutura estrangeira se torna fundamental para o desenvolvimento de seu potencial econômico. Em nações como estas, a fronteira que separa a

relação comercial liberal da exploratória é, como vemos na voz de Pablo em *O Senhor Embaixador*, não raro apagada pela ação da corrupção:

Foi durante o Governo de Chamorro que capitais norte-americanos entraram e fincaram pé no Sacramento. Mas os contratos entre o Governo e os representantes dos banqueiros de Nova York eram antes submetidos a Doña Rafaela, que os estudava assessorada pelos seus cumpinchas. [...] E entre 1905 e 1915, a Caribbean Sugar Emporium comprou terras no valor de quarenta milhões de dólares e começou a plantar canaviais intensivamente e a famosa United Plantations Company, conhecida, temida e admirada, ou odiada, pela sigla UNIPLANCO, se estabeleceu no Sacramento e se entregou ao cultivo e à exportação de banana, cacau, sisal, chicle e óleos vegetais.¹¹

11. VERRISSIMO, Erico. *O Senhor Embaixador*, 1965, p. 132.

A proximidade da fictícia Sacramento dos Estados Unidos a torna uma excelente alternativa para uma recolonização econômica a partir da exploração dos recursos naturais da ilha por parte dos norte-americanos, tal como fizeram durante um longo período com Cuba e ainda o fazem com países como o México. Veríssimo é particularmente ousado, na medida em que descreve sem qualquer pudor o processo de difusão e estabelecimento do projeto imperialista norte-americano na pequena ilha:

Todas as empresas ferroviárias do país passaram a ser controladas por capitais norte-americanos. O mesmo aconteceu com o fornecimento de energia e com a rede telefônica nacional. Nessas transações todas, Doña Rafaela e seus sócios ganhavam a sua parte em ações dessas companhias ou dinheiro, em troca de facilidades concedidas às firmas investidoras.¹²

12. Ibidem, p. 132.

Veríssimo localiza a fictícia Sacramento demasiado próxima de um país que, em seu passado, compartilhou muito de sua situação econômica com a ilha imaginária e cuja política estava, naquele momento, em um estágio crucial, a ilha de Cuba. A exemplo da imaginária “Puerto Esmeralda”, “La Joya Del Caribe”, as praias cubanas serviram durante décadas de base para atividades como cassinos, prostituição e tráfico de drogas. A proximidade entre Cuba e Sacramento é geográfica, política e histórica, como vemos durante a narrativa, e suscita o convite inusitado feito por um alto funcionário da Embaixada da República Dominicana a Heliodoro. A cena oscila entre o pícaro de uma brincadeira e o ácido desnudar dos processos que iniciam, no palco das relações internacionais, os conflitos armados entre nações vizinhas.

Um alto funcionário da Embaixada da República Dominicana, que já havia chupado o seu terceiro coquetel e estava de olhos brilhantes e língua solta, pegou Gabriel Heliodoro pelo braço, levou-o para perto dum dos espelhos e, com a voz um pouco arrastada, disse:

- Meu caro Embaixador, por que não juntamos as forças do seu país com as do meu para invadir Cuba, hem? Que lhe parece a sugestão?

- Hombre – sorriu o sacramentinho, levando a coisa na brincadeira – é uma idéia. Mas quem financia a operação? Os gringos?¹³

13. Ibidem, p. 112.

Com a habilidade e o carisma que lhe são característicos, Heliodoro evita se aprofundar na proposta. Neste episódio podemos observar a maneira como as nações, muitas vezes, desenvolvem sua atuação internacional a partir dos bastidores dos atos públicos, alicerçando seus conchavos políticos às sombras dos olhos mundiais e de seus registros oficiais, base dos relatos históricos. Estes conchavos, não raro, contam com o incentivo do capital norte-americano, como vemos representado na obra de Veríssimo.

- E por que não? E por que não? Tem todo o interesse. Mas não compreendem! [...] São obtusos [os americanos]. O Benefactor encomendou a empresas deste país aviões, tanques, metralhadoras, munições... e o que é que faz o Pentágono? [...] É como lhe digo. Temos que invadir a ilha de Fidel Castro antes que seja tarde demais. Esse barbudo é comunista, acredeite, é comunista. [...]

Gabriel Heliodoro ficou a mirar-se no espelho, compondo o nó da gravata. Se Trujillo [presidente da República Dominicana da época] pensava que seu compadre Carrera ia entrar numa aventura como aquela, estava doido.¹⁴

14. Ibidem, p. 112 (parênteses nossos).

Mesmo teóricos das relações internacionais, como Jackson e Sørensen, utilizados como base para nosso trabalho, defendem a intervenção de estados ditos “desenvolvidos” ou “fortes” em estados “fracos”, momento em que se revela ao leitor atento a posição que ocupam no discurso do qual fazem uso (o texto utilizado foi publicado originalmente em 1948 pela Oxford University Press, na Inglaterra). Uma posição que parece ignorar o elemento da exploração econômica como um dos componentes do que chamam de “tratamento especial e preferencial do mundo desenvolvido”.

As suposições tradicionais acerca da soberania não se aplicam aos Estados fracos, uma vez que estes precisam de um **tratamento especial e preferencial do mundo desenvolvido**, por exemplo: na forma de ajuda econômica. Para tais Estados, o sistema internacional não é uma anarquia nem tem por base a autoajuda – como afirmado

15. JACKSON, Robert H. e SØRENSEN, George. *Introdução às relações internacionais: teorias e abordagens*, 2007, p.22 (grifo nosso).

16. Ibidem, p. 381-382 (grifo nosso).

17. VERRISSIMO, Erico. *O Senhor Embaixador*, 1965, p. 167.

pelos neorrealistas -, em vez disso, é uma ordem política que sustenta a sua sobrevivência. Os Estados fracos são, na melhor das hipóteses, atores marginais no sistema internacional. São muitas vezes obrigados a conseguir o que querem dos países mais ricos e mais fortes.¹⁵

Esta intervenção, realizada, muitas vezes, sob a chancela de organismos internacionais como a ONU, pode deixar marcas profundas nos rumos políticos de uma nação que é objetificada neste processo. Nestes momentos, não raro interesses do imperialismo do Primeiro Mundo são mascarados por conceitos como o de “intervenção humanitária”:

Além de serem vulneráveis e dependentes externamente, os Estados fracos têm sido, em geral, incapazes de criar a ordem nacional. Os casos extremos, em que há uma ruptura mais ou menos completa da ordem nacional, são chamados de “Estados fracassados”, como Somália, Ruanda, Libéria e Sudão. Este é o contexto nacional a favor da **intervenção humanitária**.¹⁶

Esta noção de “intervenção humanitária” é problematizada de maneira crua em *O Senhor Embaixador*. Temos uma representação realística de como o imperialismo norte-americano, contando com aliados dentre as próprias instituições dos países que explora, manipula os cordéis da política para atingir seus objetivos. Uma destas instituições, como vemos repetidamente na narrativa, é a própria Igreja, secundada pela elite econômica de Sacramento. No fragmento abaixo, Heliodoro, ao ler a missiva secreta de Juventino Carrera, se apercebe um dos “joguetes” que tramam uma nova revolução no país, para que os interesses da elite interna e do imperialismo externo se mantenham.

A carta deixou Gabriel Heliodoro excitado. Havia muito suspeitava daquela “revolução branca” comandada por Ignacio Allende, Ministro do Interior, com a finalidade de evitar a reeleição de Carrera e impor-lhe um candidato das chamadas “elites sacramentenhais”. E o Department of State e o arcebispo estavam no jogo. Agora ele comprehendia – ah! Que estúpido tinha sido! – a razão por que o Ministro do Exterior tivera tanta pressa em mandá-lo para Washington e por que o congresso aprovara com tamanha rapidez e unanimidade sua nomeação para o cargo do embaixador. É que Gabriel Heliodoro era uma pedra no sapato de Allende e de seu grupo. E ele, idiota, cairá numa armadilha.¹⁷

Temos nesta cena o exato momento em que uma personagem assume o papel de agente da história de Sacramento de uma maneira que lhe é bastante particular. Como embaixador de Sacramento, Gabriel Heliodoro assume o papel de arauto que

encerra seu nome - é Gabriel, na narrativa bíblica, o arcanjo da anunciação, representado carregando uma trombeta. A segunda máscara utilizada pela personagem é a da sedução, na medida em que representa as dádivas solares do universo latino – do grego *helius* (sol) e *doro* (dádiva). Gabriel, porém, se descobre apenas mais uma dentre as figuras que são manipuladas em um jogo político em que o imperialismo norte-americano é quem dá as cartas. Cabe, não raro, a este imperialismo a palavra final sobre a face que a nação de Sacramento assumirá no cenário internacional, dentro da multiplicidade identitária representada por Verissimo, como veremos a seguir.

Vozes sobre a ilha: identidade nacional

A narrativa de Verissimo se estabelece como um jogo de espelhos, o presente e o futuro reproduzindo um passado que, muitas vezes, é mais uma ficção dentro da ficção. Neste caleidoscópio a história será contada, ou recontada, de acordo com o posicionamento político, social e intelectual de seu narrador. Vemos com muita clareza o momento em que a seleção e a ficcionalização são instrumentos de ideologias e interesses de narradores históricos, como no exemplo de Molina, funcionário da Embaixada de Sacramento que sonha em escrever uma biografia sobre Don Pánfilo, arcebispo primaz da ilha. Molina está resolvido a colocar Don Pánfilo Arango y Aragón em uma posição de herói ou de santo. Molina insiste em ignorar a veleidade e ambição de Don Pánfilo tanto quanto nega a pureza de ações do humilde padre Catalino. Apesar de saber de inúmeros fatos que tenta ocultar de si mesmo, a personagem acaba sendo assaltada, em devaneios, pelo espectro do professor Leonardo Gris.

- Quando Juan Balsa revoltou os camponeses contra a ditadura de Antonio Maria Chamorro e refugiou-se com seus guerrilheiros na montanha, o jovem Pe. Catalino, então recém ordenado, deixava muitas vezes seu rancho de Soledad Del Mar e subia à Serra da Caveira, com risco da própria vida, para ouvir as confissões dos rebeldes, ministrá-lhes a comunhão ou a extrema-unção, conforme fosse o caso. Enquanto isso, Don Pánfilo pregava na catedral de Cerro Hermoso sermões furibundos nos quais se referia a Juan Balsa como: “esse bandido ateu e sanguinário”.¹⁸

18. Ibidem, p. 190.

O espectro de Gris é ainda mais contundente, mostrando o quanto Molina está disposto a obliterar em sua biografia a participação simoníaca da Igreja na política de Sacramento.

19. Ibidem, p. 191.

Vamos, Ministro, vamos. Encare o problema com coragem. [...] Quem era o confessor de Doña Rafaela, a mulher de Chamorro, nos anos derradeiros de sua vida? Todos sabiam que era o então Monsenhor Don Pánfilo. Ele conhecia todas as mazelas morais da matrona, sabia que ela manejava o pobre marido como um ventríloquo maneja seu boneco. Sabia que era uma adúltera e uma mulher cruel e egoísta.¹⁹

Em resposta a estes pensamentos de uma súbita consciência histórica e política que o assaltam, Molina prefere manter-se em sua posição, decidido a dar uma versão dos fatos que resguarda a santidade de seu biografado.

20. Ibidem, p. 191-192.

Molina voltou para a mesa, apanhou o lápis e escreveu numa folha de papel: *Não esquecer que, em fins de 1924, Don Pánfilo magnanimamente pediu ao velho arcebispo que permitisse a volta de Pe. Catalino à sua paróquia de Soledad Del Mar, no que foi atendido.* Agora o Ministro Conselheiro sentia que o próprio Don Pánfilo estava também na sala, sentado a um canto, esplêndido nas suas vestes episcopais, as nobres mãos pousadas nos braços da poltrona, um sorriso ao mesmo tempo irônico e benevolente naquele rosto já marcado de rugas, mas ainda belo.²⁰

21. GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: O estado nacional e o nacionalismo no século XX*, 2007, p. 193.

Guibernau nos fala que uma das principais características da era atual é o fortalecimento dos processos de globalização, compreendendo a mesma como “a intensificação das relações sociais no mundo inteiro, que liga localidades distantes de tal modo que os acontecimentos de uma região são formados por eventos que ocorrem a milhas de distância e vice-versa”²¹. Para o autor, a globalização permeia as relações entre os Estados a partir de três perspectivas: a primeira é o que chama de “caráter global do estado nacional”, na medida em que o mundo passa a se dividir em unidades soberanas; a segunda é o “papel do capitalismo” como influência globalizadora fundamental no que tange à economia; a terceira é a criação de uma “comunidade científica global”, dentro da qual o fluxo de informações permite a difusão de ideias.

Como legítimos representantes do papel do capitalismo na questão da identidade nacional, temos o ponto de vista de dois outros norte-americanos, mimese de duas fortes características do pensamento estadunidense, o ceticismo e o pragmatismo. Temos o ceticismo ácido de William B. Godkin, que vê com muita clareza o esfacelamento da sociedade e das relações entre os Estados, em uma desconstrução astuta de muitos dos valores elencados acima como “fundamentais” por Jackson e Sørensen: “segurança, liberdade, ordem, justiça e bem-estar”²².

22. JACKSON, Robert H. e SØRENSEN, George. *Introdução às relações internacionais: teorias e abordagens*, 2007, p. 22.

Ao desintegrarem o átomo, os cientistas de nosso século desintegraram também a semântica e a ética. Quem é

que sabe hoje com certeza absoluta o sentido de palavras que usamos com tão leviana frequência como *liberdade*, *paz*, *direito* e *justiça*? Quanto ao Palavrão, *verdade*... que bicho é esse? Quantas verdades existem no mundo de nossos dias? Conheço tantas... A da Casa Branca. A do Kremlin. A do Vaticano. A da Wall Street. A da Broadway. A da United States Steel Corporation. A da AFL. Sim, e convém não esquecer a da Madison Avenue, talvez a mais fantástica de todas.²³

Temos ainda o pragmatismo indômito de Miss Olgivy, “La Olgivita”. Dela teremos uma visão muito prática do cotidiano de uma embaixada, suas tramóias, que quase rendem, devido a sua inocência inicial, uma prisão à secretária. Miss Olgivy representa, com seu olhar da situação política que presencia, a determinação fria que faz da América do Norte um sucesso administrativo, em contraste à audácia solar e sedutora da latinidade de Gabriel Heliodoro ou da patética corrupção virulenta de Ugarte.

Os embaixadores chegavam, assinavam papéis, faziam discursos e conferências, davam entrevistas à imprensa, pavoneavam-se, papavam muitos jantares, bebiam incontáveis coquetéis e um dia eram transferidos para o outro posto: passavam... Miss Olgivy, porém, ficava. Nunca ninguém conseguiu descobrir um título capaz de abranger descritivamente suas múltiplas atribuições.²⁴

A “comunidade científica global”²⁵ está mimetizada na presença de Leonardo Gris, representante sacramentinho de uma intelectualidade cuja visão transcende fronteiras. Em um longo discurso, uma das partes mais ousadas da obra, o professor Gris, durante uma conferência universitária, desnuda sem qualquer peia o papel internacional dos Estados Unidos e a ação predatória da política norte-americana.

Os Estados Unidos [...] emergiram da Segunda Guerra Mundial como a nação mais poderosa da Terra. Vossa incomparável prosperidade econômica e financeira, protegida por um poderio militar só igualado pelo da Rússia Soviética, e mais o vosso alto padrão de vida, jamais atingido por qualquer outro povo em toda a História, constituem ameaças muito sérias, possivelmente mortais, para o Sonho Americano. A bela imagem que pintastes para uso interno e externo começa a deformar-se.²⁶

Gris cita a prática exploratória da economia norte-americana e seu papel na manutenção de Repúblicas de democracia dúbia ou inexistente no Terceiro Mundo.

As boas intenções de vosso Governo e o vosso sacrifício como pagadores de altos impostos são prejudicados pela

23. VERRISSIMO, Erico. *O Senhor Embaixador*, 1965, p. 4
(grifo nosso, itálico do autor).

24. Ibidem, p. 33.

25. GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: O estado nacional e o nacionalismo no século XX*, 2007, p. 193.

26. VERRISSIMO, Erico. *O Senhor Embaixador*, 1965, p. 215.

ganância de algumas companhias e grupos financeiros desse país que tem investimentos na América Latina. Parece interessar ao vosso *big business* que continuemos a ser a *banana republic*, a baixo preço.²⁷

27. Ibidem, p. 216.

Com uma coerência e uma sinceridade quase temerárias, a personagem fala da profunda antítese existente entre a ideologia propalada pela nação norte-americana e sua ação internacional.

Viveis uma grande contradição. Alimentais um grande sonho de liberdade, igualdade e fraternidade, mas a experiência tem mostrado que se fordes absolutamente fiéis a esse sonho, não só na teoria como também na prática, não podereis manter o vosso alto e crescente padrão de vida. Porque me parece que quando existem países, grupos ou indivíduos extremamente ricos é porque esse enriquecimento se fez à custa de outros países, grupos e indivíduos que tiveram de permanecer extremamente pobres. (Estarei enunciando alguma heresia econômica?).²⁸

28. Ibidem, p. 217.

O pensamento de Gris influencia diretamente o espírito libertário e inconformista de Pablo e grande parte de sua visão política sobre Sacramento e sobre o cenário internacional. Retomando de Guibernau seu conceito de “caráter global do estado nacional”²⁹, cada Estado, independentemente de sua situação econômica e política, tem a tendência de recorrer às narrativas históricas para alicerçar sua identidade nacional; por sua vez, esta identidade terá repercussões globais. Este processo ocorre tanto da identificação dos iguais quanto da exclusão dos que se apresentam como diferentes ou inferiores.

Nesta medida podemos refletir sobre o processo histórico ficcionalizado por Verissimo nas páginas que descrevem a discussão entre Glenda e Pablo sobre a história de Sacramento. Para a norte-americana Glenda Doremus, que calca sua compreensão de mundo a partir de uma ótica racial, seu país é construído por uma elite branca, da qual ela faz parte, e toda a nação corrompida por raças inferiores está fadada ao fracasso. Em contrapartida, Pablo Ortega, apesar de oriundo das classes abastadas de Sacramento, divisa a participação deletéria dos interesses e a intervenção norte-americana como pilares que sustentam a desigualdade e a degeneração das instituições de seu país, que, emancipado do jugo colonialista espanhol, não encontra recursos para se libertar da dependência de nações desenvolvidas que, sob a égide revolucionária da liberdade, igualdade e fraternidade; corroboram, repetidamente, com a aniquilação de qualquer iniciativa de uma verdadeira democracia em Sacramento. Sem divisar um horizonte de transformação, Pablo se revela por vezes tão cético a respeito do futuro sacramentenho quanto Glenda, ainda que por motivos diferentes.

29. GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: O estado nacional e o nacionalismo no século XX*, 2007, p. 193.

- E agora vamos à sua tese propriamente dita – sorriu Pablo -. Se bem entendi seu trabalho, o que você pretende provar é que, governado por um ditador despótico e branco como Chamorro ou por um mestiço como Carrera, que você imagina um democrata, um país como Sacramento dificilmente ou nunca poderá atingir sua maturidade política e uma ordem social e econômica próspera e estável pela simples razão de que seu povo é formado em sua maioria de elementos mestiços... Certo?

- Certo.

- Pois está errado.³⁰

30. VERISSIMO, Erico. *O Senhor Embaixador*, 1965, p. 152.

Enquanto Glenda credita à inferioridade racial a vocação à derruída da ilha antilhana, Pablo atribui a insolubilidade da questão da desigualdade social e corrupção sacramentenha ao fracasso da própria condição humana, do qual não se exclui, como vemos neste trecho do diálogo entre os dois:

Glenda Levantou-se:

- Só não comprehendo uma coisa – desconversou ela, não reconhecendo a própria voz -. Como é que um “liberal” como você, que sabe todas as podridões de seu Governo, está aqui em Washington a servir este Governo?

Pablo Ortega encolheu os ombros.

- Decerto porque estou podre também.³¹

31. Ibidem, p. 152.

Em *O Senhor Embaixador* percebemos os inúmeros matizes com que Veríssimo compôs um quadro sobre a identidade nacional e o pensamento histórico da fictícia Sacramento, bem como suas relações internacionais, sobretudo com os Estados Unidos. Como vimos, temos a visão de Glenda Doremus, que representa a própria elite norte-americana, presa a seus preconceitos raciais e à sua cegueira para a condição social do Terceiro Mundo em contraponto à visão de Pablo Ortega, personagem que transita do pessimismo ao heroísmo no decorrer da obra, para ter, então, sua visão idealista da política e da própria condição humana novamente desconstruída, como refletiremos em nossa reta final.

Vozes sobre o homem: realidade e ficção

É interessante perceber como Veríssimo utiliza a representação de uma ilha para problematizar o fato da impossibilidade de qualquer independência no contexto global. A perspectiva insular de isolamento e independência é de pronto descartada na alegoria de Sacramento. Através da circularidade da trajetória

da nação, vemos uma sucessão de golpes militares, espoliação internacional alicerçada pela corrupção local e abuso do poder sob a égide da violência que aproximam a ficcional Sacramento da realidade de incontáveis nações do Terceiro Mundo.

Em *O Senhor Embaixador* a identidade nacional, em sua possibilidade de versões e posicionamentos, surge justamente da contradição humana. Desta forma, Pablo é representante de um idealismo cambiante entre a inocência da juventude e o pessimismo da intelectualidade, um filho da elite que adere à revolução. Gabriel desponta com sua audaciosa e complexa personalidade, um filho do povo que sobe ao poder por sua coragem e seu dúvida, porém incontestável, espírito de honra. Em uma obra que transcende a meta-ficção historiográfica em sua miríade de narrativas, cabe ao leitor a missão de se posicionar tanto a respeito da ficção quanto da realidade. Esta multiplicidade de pontos de vista faz uníssono ao que Verissimo pensa sobre a ação do escritor.

O romancista não deve ter partido político. A vida é múltipla e, no fim de contas, onde está a verdade? Acho que a preocupação moral do escritor deve ter como objetivo principal a *causa humana*.

Dos tantos sistemas políticos que andam hoje pelo mundo não sei qual será o melhor. O que sei é que sou decidido partidário do livre-exame e do livre câmbio de idéias, razão pela qual não me seduz nenhum sistema político que suprima essas liberdades e tenda a transformar o mundo num vasto campo-de-concentração.³²

32. VERRISSIMO, Erico. *As mãos de meu filho: contos e artigos*, 1942, p. 140.

Erico foi extremamente corajoso ao desenvolver um trabalho de cunho crítico à política norte-americana paralelo ao seu trabalho nas relações internacionais. A tenacidade com que o autor desestabiliza e analisa a influência deletéria do primeiro mundo, acima de tudo dos Estados Unidos da América durante o processo de descolonização dos países sul-americanos, em momento algum é afetada pelo papel do adido cultural, profundamente comprometido com a difusão da cultura brasileira no exterior. Verissimo entrega ao leitor um desafio: como encerrar a leitura de um livro que modifica indelevelmente sua leitura do mundo? Depois de “ouvirmos” as palavras de Gris, Glenda, Molina, Pablo, Gabriel, como calar personagens cuja voz parece ressoar em cada noticiário que assistimos, em cada página de jornal que abrimos no dia de hoje? A ironia de Verissimo em sua representação da condição humana chega até seu último parágrafo: “Com um tiro de misericórdia, um tenente sem nome vira a derradeira página para Gabriel Heliodoro Alvarado sem que ninguém seja capaz de colocar um ponto final em sua história”.

Referências

ARIÈS, Philippe. *O tempo da História*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL Difusão Editorial S.A., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: O estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

JACKSON, Robert H. e SØRENSEN, George. *Introdução às relações internacionais: teorias e abordagens*. Tradução Bárbara Duarte. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

RILHO, Ana Helena Diniz Soares; SILVA, Márcia Ivana Lima e UNGARETTI, Regina Leitão (orgs.). *Memorial Erico Verissimo*. Porto Alegre: Backstage, 2014.

VERISSIMO, Erico. *As mãos de meu filho: contos e artigos*. Porto Alegre: Meridiano, 1942.

_____. *O Senhor Embaixador*. Porto Alegre: Editora Globo, 1965.

Submissão: 30/04/2017
Aceite: 13/07/2017

